

JOVEM JORNALISTA

Prêmio Santander classifica quatro

Semana Estado de Jornalismo dará ao vencedor do prêmio uma bolsa de estudos na Universidade de Navarra

Prêmio Santander JOVEM JORNALISTA SEMANA ESTADO DE JORNALISMO

Alunos das universidades Anhembi Morumbi, Federal de Santa Catarina, do Vale do Itajaí e da Faculdade Cásper Líbero, autores dos textos publicados nesta página - Cleber de Arruda Silva, Luisa Ponzoni Frey, Yana Souza Lima e Lygia Haydée de Lima Silva Rocha - são os primeiros a obter classificação no Prêmio Santander Jovem Jornalista. Esse concurso, realizado em conjunto com a Semana Estado de Jornalismo, oferece ao ganhador, no fim do ano, uma bolsa de estudos na Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, em Pamplona, na Espanha. Cada um dos quatro estudantes já classificados receberá computador pessoal, no auditório do Estado. A primeira etapa da Semana Estado ocorreu de 10 a 13 de agosto.

O programa, neste ano, além de contar com 52 faculdades do

Estado de São Paulo, está aberto para todas as demais escolas de jornalismo reconhecidas pelo MEC. No total, pouco mais de mil alunos se inscrevem para os seminários, nos quais é debatida a atuação do jornalismo na questão do desenvolvimento sustentável. Eles podem participar do prêmio, apresentando reportagens que, uma vez analisadas, indicam os vencedores de cada seminário. No fim do ano, uma nova seleção, que inclui entrevista com os classificados, apontará o vencedor do Prêmio Santander Jovem Jornalista.

Flora Morena, da Universidade do Vale do Paraíba, em São José dos Campos, ganhadora no ano passado, acaba de cumprir sua bolsa de estudos na Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra e seguiu para um estágio nos escritórios da agência Reuters, em Frankfurt.



EMPAMPALONA - A Universidade de Navarra acolhe os vencedores do Prêmio Santander Jovem Jornalista em seu campus de Pamplona

Consumo e educação, saudável convivência

Lygia Rocha

Sempre que chega ao clube onde trabalha, Maurício mostra às crianças que é possível reutilizar materiais para fazer brinquedos nada convencionais. Lucília também apresenta aos alunos a seriedade da reciclagem ao adotar uma política em aula. Agora a terceira meta do desenvolvimento sustentável - redução do consumo - começa a ganhar espaço na educação.

Se todas as pessoas consumissem como nos Estados Unidos, seriam necessários cinco planetas Terra. Por isso, diversas ações focam na redução do consumo para que o mundo se mantenha de forma sustentável. Porém, o tema ainda possui questões de difícil entendimento para a população, já que há necessidade de se repensar o modelo econômico atual, como ressalta o idealizador do Portal Cultura Infância, Gabriel Guimard. "Pensando de forma exagerada, seria preciso implodir o sistema, pois tem um vetor tamanho 1 que quer reverter a situação em que vivemos, e outro, tamanho 1.000, que existe devido ao consumo e quer que ele permaneça."

Guimard vive a questão do consumo infantil em casa. "Minha filha tem 6 anos e quer um sapato plataforma igual ao da amiga. Isso

não é para a idade dela, mas proibir não adianta. Como dizer que essa atitude não é boa para o planeta?", indaga.

Pensando nisso, o Instituto Alana, através do Projeto Criança e Consumo, discute o assunto. "O consumo está relacionado à sustentabilidade, mas pouco se fala sobre como consumir", lembra Isabella Henriques, coordenadora geral do projeto. Para ela, o meio ambiente foi apenas a porta de entrada para a questão ser abordada na educação. "É preciso ampliar os conhecimentos para que a reciclagem, a reutilização de materiais e a redução do consumo sejam ensinadas juntas. Todos têm que entender que não é necessário ter o tênis da moda para ser feliz."

Com essa mesma visão, o Instituto Ecofuturo, em parceria com a Fundação Vitor Civita, criou o 1.º Prêmio Ecofuturo de Educação para Sustentabilidade, que premia projetos que geram o aprendizado desses conceitos. "Educar para valores é uma atitude que nasce no berço e deve continuar na educação formal. Aprendemos a ser humanos por convívio, em casa, no colo dos pais", analisa Christine Fontelles, diretora de educação e cultura do instituto. Isso porque para que a educa-

ção seja eficaz é preciso que os adultos tenham consciência da relevância da redução do consumo. "Quando se fala em criança, pensamos em quatro pilares: os pais, a sociedade, a escola e a criança", comenta Guimard.

Seguindo essa lógica o Banco Real, do Grupo Santander Brasil, criou o site Brincando na Rede, que trata de forma lúdica conceitos como o consumo consciente. "Nosso público alvo é a criança, mas temos ações para os pais, responsáveis e educadores. Como formadores, eles desempenham um papel fundamental na vida dos pequenos", diz Sandro Marques, superintendente de desenvolvimento sustentável do grupo.

Apesar das iniciativas, o trabalho ainda é incipiente, já que, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mais de um terço dos alunos brasileiros têm nível mínimo de conhecimento sobre questões ambientais, assunto que já deveria estar difundido por ter sido o ponto de partida da discussão do desenvolvimento sustentável. "Hoje usamos um band-aid. Cuidamos das consequências e não nos aprofundamos nas causas", analisa Guimard. ●

* **Lygia Haydée de Lima Silva Rocha** é aluna da Faculdade Cásper Líbero.

Escola forma talentos e conquista prêmios

Cleber Silva

Fausto Martins trabalha como marceneiro desde 1993, mas há apenas cinco anos descobriu como perceber problemas gerenciais, respeitar o meio ambiente e contribuir com a comunidade local. Em 2004, participou do primeiro curso ministrado pela Escola de Marcenaria Moderna (EMM) para a capacitação de profissionais e jovens de comunidades carentes em gestão sustentável de negócios.

Hoje, o dono da Comp Marcenaria, no bairro da Saúde, em São Paulo, leva a sério a solução de problemas, como o uso adequado da madeira. "Nossos resíduos são reaproveitados, mandamos para um amigo que aproveita as sobras para a produção de artesanatos", explica Martins.

Aproposta da EMM foi desenvolvida em 2004 pela Instituição Leo Madeiras, que desde 2006 tem parceria com o Senai, a partir da percepção da falta de capacitação dos empresários do ramo, formado por micro e pequenas empresas familiares.

O investimento na educação do setor capacitou mais de 2,5 mil profissionais e rendeu à escola dois importantes prêmios. Em 2007, foi conquistado o prêmio

Domus & Lepton; no ano passado, o 4.º Prêmio FGV de Responsabilidade Social e Sustentabilidade no Varejo. Agora, a escola concorre ao 1.º prêmio de Sustentabilidade da Federação do Comércio, com grandes expectativas.

Carlos Alberto Del Rio Gomes, engenheiro civil e empresário da Marcenaria Almudena, fez três cursos na escola, aprovou a iniciativa e também observa a falta de especialização para o marceneiro. "Não existe curso superior, médio. Enfim, é um curso formado pela natureza. Quando um ajudante demonstra interesse, por exemplo, a gente o cola em um bom profissional, para que ele aprenda por osmose, e acende vela para que isso dê certo."

Atenta a essa questão, a escola abriu espaço para jovens interessados em marcenaria, formando cursos específicos na área de projetos de desenhos e buscando novos talentos em comunidades carentes. Segundo Simone Nascimento, diretora da EMM, o espaço para esse público deve crescer. "Temos em nossas salas jovens encaminhados por ONGs ligadas à instituição, preparados e absorvidos pelo mercado de trabalho, pois não basta só capacitar. Tem de abrir mercado. Os empresários são

conscientizados desse papel. Nossa perspectiva é ampliar o curso para milhares de jovens."

Ex-aluno, Del Rio Gomes também empregou outros marceneiros que passaram pelo curso. "A escola está enxergando lá na frente, porque daqui a dez anos nós não teríamos bons profissionais. Todos os bons marceneiros de agora são velhos. Nós precisamos capacitar esses jovens", analisa.

Ingrid Cardoso, de 17 anos, já concluiu dois cursos voltados para a área de desenho de móveis. Ela começou aos 15 anos em cursos do setor e, pelo bom desempenho, foi encaminhada pela Obra Social Dom Bosco à EMM, onde fez parte do grupo de três mulheres e quatro adolescentes de sua turma.

Incentivada pela bolsa que custeava não só o curso, como o uniforme, vale transporte, alimentação e material didático, Ingrid saiu de lá com estágio. Só não continuou o estágio por causa da incompatibilidade do horário com a escola, mas conta que continua realizando projetos por encomenda.

Nas aulas teóricas, ela descobriu o seu talento e o que pretende ser no futuro. "Quero ser arquiteta de paisagismo. Não posso ver uma régua na mesa, um esquadro e uma lapiseira que já sai desenho", explica Ingrid. ●

* **Cleber de Arruda Silva** é aluno da Universidade Anhembi Morumbi.

Caça-níqueis viram material de ensino

Yana Lima

Jogos de azar estão mudando de formato de público. Os caça-níqueis apreendidos no município de Balneário Camboriú, no litoral de Santa Catarina, são agora computadores educativos. Mais de 9 mil alunos das 16 escolas municipais passam a contar, no segundo semestre deste ano, com a tecnologia da informação na sala de aula. A ideia é afilhada do projeto Rede Piá - Reciclagem Digital Educativa Pré-Infância e Adolescência - iniciativa pioneira do Estado. A partir daí, o trabalho conjunto da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, do Ministério Público, da Polícia Militar e da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), resultou no Projeto Lótus.

Só nos primeiros meses de 2009 foram apreendidos 336 caça-níqueis, de acordo com o tenente Ricardo Sartori, responsável pela operação no 12.º Batalhão de Polícia Militar. Antes da reutilização para o Projeto Lótus, esse material altamente poluente era entulhado sem qualquer serventia. As máquinas de jogos ilegais são compostas por

uma carcaça de madeira e computadores, alguns com telas de LCD. Os componentes dessa tecnologia, tais como metais tóxicos e plásticos, quando descartados formam o lixo eletrônico, ameaça ao meio-ambiente."

Antes que o e-lixo se tornasse um problema, a Secretaria de Educação de Balneário Camboriú, em parceria com a Univali, resolveu buscar uma solução. "O material é de qualidade e totalmente reaproveitável. Não podia ser simplesmente descartado", argumenta a diretora técnico-pedagógica da Secretaria de Educação, Lucimar Marques. Os caça-níqueis foram transformados em ferramentas educativas.

O trabalho começa com a Polícia Militar, que, após apreensão, separa e armazena o material. Aprovada a liberação das máquinas pelo Ministério Público, os equipamentos eletrônicos vão para o curso de Ciências da Computação e Tecnologia de Sistemas para Internet da Univali. Estudantes orientados pelo professor Fabrício Bortoluzzi dão início a outra etapa. "Nosso primeiro passo foi apagar o lei-

tor de dinheiro e os jogos de azar. Depois removemos tudo que há de aplicativos e adicionamos o software educativo", explica Bortoluzzi.

Além dos eletrônicos, as carcaças de madeira dos caça-níqueis também são reaproveitadas. Quem coloca a mão na massa, então, são os jovens em medidas sócio-educativas. Os aprendizes confeccionam o móvel de apoio para novas máquinas das escolas.

O novo software é composto por jogos e atividades de lógica, estratégia, matemática, inglês, ciências e etc. Para a professora de séries iniciais Ângela Moraes Silva, a nova ferramenta é um complemento na aprendizagem dos alunos. Maria Cláudia Burger Letzow, que também é professora da rede municipal de Balneário Camboriú, salienta que recursos visuais e auditivos são estimulantes para as crianças. Para ela, os alunos se interessarão pelas atividades, pois estarão se divertindo enquanto aprendem. Além do combate ao jogo ilegal, o Projeto Lótus trabalha com a reutilização de materiais para a inclusão digital. ●

* **Yana Souza Lima** é aluna da Universidade do Vale do Itajaí.

Apoio à Cantareira, a missão de jovens

Luisa Frey

Primeiro salário, experiência profissional e responsabilidade. Em maio deste ano, nove estudantes ingressaram nesse universo, tendo como ambiente de trabalho a Mata Atlântica e, como objetivo, sensibilizar sua comunidade sobre preservação ambiental. Eles são jovens da floresta e atuam em meio à cidade, na Serra da Cantareira, na região metropolitana de São Paulo.

O programa de estágios Jovens da Floresta, uma iniciativa da ONG Instituto de Empreendedores Ambientais e Sociais (IDEAS) em parceria com a Rede de Cooperação da Cantareira (Recanta), concede bolsas de um salário mínimo a estudantes moradores da região. A serra abriga o Parque Estadual da Cantareira, unidade de proteção integral considerada a maior floresta urbana do mundo. São 8 mil hectares, abrangendo quatro municípios.

Pela internet ou indicados por ONGs, integrantes da Recanta, 40 jovens de 16 a 28 anos se inscreveram para o programa. Após entrevista, 9 foram escolhidos. Em 10 meses serão capacitados em

educação ambiental e novas tecnologias virtuais para serem multiplicadores socioambientais em regiões florestais ameaçadas. "Eles devem identificar-se com a ideia de floresta urbana e ter orgulho disso", afirma Ivini Ferraz, coordenadora do Jovens da Floresta.

Felipe Santos, de 16 anos, é o mais novo do grupo. Durante a seleção, destacou-se ao escrever uma peça de teatro cujo protagonista era um bugio, macaco símbolo da região. "Na minha rua sempre aconteceram coisas que eu não admito, como a caça a animais silvestres", conta. Além de trabalhar com teatro, Felipe registra em vídeo e foto as ações dos Jovens.

Em três meses, os bolsistas cadastraram 30 instituições do entorno para a Jornada Pedagógica Jovens da Floresta. Eles elaboraram o Guia do Educador da Cantareira, ministraram palestras de educação ambiental e estrearam a peça O curupira da Cantareira. Os irmãos Renato e Marcelo Coppi, estudantes de biologia, planejam oficinas de reciclagem de papel e óleo. "Me preocupava com a questão da

sustentabilidade e vi no programa uma chance de ser ativo", diz Renato.

O grupo promoveu dois encontros entre povos das florestas urbanas e Amazônica. No primeiro, em junho, estiveram presentes índios yawanawa do Acre. Em agosto, compareceram guaranis do Jaraguá, zona oeste de São Paulo, e de Parelheiros, zona sul. Os jovens debateram temas como ocupação desordenada, desmatamento e soluções economicamente sustentáveis. "Se não preservarmos, logo não teremos vida", destacou Ataíde Gonçalves, da aldeia Temondeponá.

Ivini Ferraz diz que a intenção é criar uma rede de cooperação para a defesa de florestas ameaçadas. Na Cantareira, o Jovens da Floresta tornou-se viável com recursos do Fundo Especial do Meio Ambiente (FE-MA) da Prefeitura de São Paulo. A coordenadora pretende ampliar o programa, ressaltando que o monitoramento ambiental é mais fácil se feito pelos próprios moradores. Natália Obeid, bolsista e futura bióloga, espera difundir o apoio à Cantareira. "Nada como cuidarmos do que está perto. Do local para o global", defende. ●

* **Luisa Ponzoni Frey** é aluna da Universidade Federal de Santa Catarina.